



EDITORIAL

INTERPRETAÇÃO PLURALISTA DAS RELIGIÕES

PLURALIST INTERPRETATION OF RELIGIONS

*Gilbraz Aragão**

Quem busca reinterpretar o seu caminho espiritual frente à consciência crescente de uma pluralidade de religiões em nossa “aldeia global” defronta-se com um desafio cultural: a lógica aristotélico-tomista que articula o modo de pensar a diversidade em nosso mundo baseia-se em identidades isoladas, em não-contradição e exclusão de misturas. Esse jeito de pensar, a partir de uma ilha de conhecimento isolada, leva à contraposição e à exclusão de qualquer caminho diferente, por mais continental que ele seja. Só existe uma religião verdadeira e uma igreja que verdadeiramente a representa: a minha.

Mas estamos entrando em uma nova era de percepção das coisas, mais relacional e inclusiva, à qual deve corresponder uma mística mais integral, plural e dialogal, em que o mistério da vida transparece entre nós, despertando apreço e cuidado com os outros. Assim é possível descobrir que aquilo que uma religião descobre de inspirado é por causa das outras religiões e, também, para todas elas.

Com efeito, na lógica clássica, quando aparece uma contradição em um raciocínio é um sinal de erro. Em uma visão mais complexa, quando nos deparamos com contradições significativas é porque atingimos uma camada profunda da realidade. Daí a construção de princípios lógicos como a recursão organizacional, que rompe

* Professor no campo dos estudos de religião na UNICAP, onde organiza o Observatório Transdisciplinar das Religiões no Recife (<https://www1.unicap.br/observatorio2>).



com a ideia linear de causa/efeito, pois tudo que é produzido volta sobre o que produziu em um ciclo auto-organizador; a concepção hologramática de que é impossível conceber o todo sem as partes e as partes sem o todo; o princípio dialógico que mantém a dualidade no seio da unidade: em outros níveis de realidade há sempre um terceiro elemento que se pode incluir, entre e além das contradições aparentes no nível analisado.

Muitos estudiosos, pois, estão se envolvendo transdisciplinarmente no acompanhamento de uma espiritualidade transreligiosa que o espírito do tempo requer, em favor da coexistência dos grupos humanos, em harmonia com o planeta e o cosmos. É tempo de somar forças e multiplicar os esforços acadêmicos e políticos em uma rede de respeito à diversidade e de promoção do diálogo – inclusive como antídoto para os fundamentalismos simbólicos que levantam bandeiras identitárias e comunitaristas em meio à crise de mudança e desenvolvimento social.

O dossiê “interpretação pluralista das religiões”, nesta Revista Paralellus, quis justamente dar relevo a leituras que, para além da constatação da pluralidade religiosa de fato, buscam avançar na compreensão de um pluralismo religioso por princípio. Ele selecionou artigos que trabalham as bases conceituais desse “Princípio Pluralista” em construção, fundamentando-as epistemológica e metodologicamente, para análise da diversidade espiritual do campo religioso brasileiro, dos espaços fronteiriços entre e dentro das religiões, em especial das experiências de diálogos interculturais e inter-religiosos, entre tradições de fé e de convicções. Os leitores têm em mãos, portanto, uma coletânea de textos que buscam desdobrar conceitos de autores no campo do diálogo pela fecundação do pluralismo como princípio, ou de artigos que aplicam esse princípio na análise da pluralidade religiosa.

O desenvolvimento desse Princípio Pluralista tem a ver com o Grupo de Pesquisa “Espiritualidades contemporâneas, pluralidade religiosa e diálogo”, que é formado pelos núcleos que trabalham diálogo inter-religioso com a organização de Cláudio Ribeiro (UFJF), Gilbraz Aragão (UNICAP) e Roberlei Panasiewicz (PUCMinas). Desde 2008 o pessoal vem se reunindo como grupo de trabalho nos principais congressos da área e, inclusive, já vai para a realização do terceiro Seminário próprio do Grupo, através do que tem articulado publicações para sintetizar e aprofundar os conceitos e autores que estão sendo estudados em comum.

Dentre essas publicações, destaca-se o “Dicionário do pluralismo religioso” (Editora Recriar, 2020), um valioso recurso com mais de trezentas páginas escritas por quase quarenta pesquisadores. E, especialmente, “O princípio pluralista” (Editora Loyola, 2020), um livro façanhoso de Cláudio de Oliveira Ribeiro, que registra a maturidade de sua reflexão em busca de novas margens para o diálogo humano e religioso: em quase 500 páginas, trata da pluralidade antropológica e religiosa, depois de apresentar bases teóricas e metodológicas para se desenvolver conhecimento nas fronteiras (Bhabha, Boaventura, Pui-Lan), ativando lógicas de uma visão complexa e transdisciplinar da realidade (Morin, Nicolescu). Com isso vai nos sensibilizando para a percepção de identidades reconstruídas nas bordas institucionais e mobilizando a gente para o diálogo alterativo que se desenvolve nos “entre-lugares”, éticos e místicos, das relações pessoais e culturais, vai nos permitindo pensar no pluralismo de fés, convicções e religiosidades, como resultante de um desenvolvimento processual. Assim, o diálogo inter-religioso deixa de ser um esforço formal e interesseiro das agências de sentido no mercado espiritual e passa a ser um avivamento das relações humanas pela inclusão de sonhos comuns em meio a sons diferentes.

Dessa maneira, vamos confrontando quem entende a diversidade humana como mera “pluralidade de fato” e por causa de um “pecado original”, com a perspectiva do “pluralismo de princípio” e decorrente de uma “bênção original”. Pois há quem pense na pluralidade de religiões como resultado da perversão humana e a gente está ousando pensar no pluralismo como resultante de uma bênção das origens e de uma evolução salutar do espírito humano (que é plural, por princípio). O respeito e mesmo devoção pela diversidade, pelos caminhos dos outros, resultam dos estudos de religião bem-informados pela história, pela abordagem antropológica e psico-social. Isso muda tudo, das atitudes frente à alteridade no espaço público às teologias das religiões em todas as confissões.

PROBLEMATIZAÇÕES TEÓRICAS

Então, o dossiê “interpretação pluralista das religiões”, em um primeiro bloco de artigos, articulou reflexões que desenvolvem e/ou problematizam e aprofundam o Princípio Pluralista. Em “Estratégia de interações efetivas transaberes: uma análise com base na ciência pós-normal e no Princípio Pluralista”, foram evocadas teorias de diversas áreas do conhecimento, como arte, ciência, filosofia e religião, que possuem em comum a busca por mudanças estruturais na sociedade contemporânea, compatíveis com a complexidade dos seus desafios globais. Assim, foram usadas a teoria da Transdisciplinaridade, de base filosófica, a Ciência Pós-Normal, científica, e o Princípio Pluralista, de origem teológica, para compor a Estratégia de Interações Efetivas Transaberes. O objetivo foi propor uma estratégia dialógica de interações entre os agentes do saber, focada na solução de problemas, desenvolvendo o conceito de Transaberes, como movimento dialógico entre os saberes, fazeres e poderes da sociedade.

Em “Princípio Pluralista e reconhecimento: provocações éticas e epistemológicas”, se realça a possibilidade da crítica de epistemologias absolutistas, principalmente na área de Ciências da Religião e Teologias, por meio da aproximação do Princípio Pluralista enquanto procedimento hermenêutico e analítico, conforme desenvolvido pelo teólogo metodista Claudio Ribeiro, com a noção de reconhecimento mútuo, particularmente empregada nas relações ecumênicas. Propõe-se a descrição de elementos que orientem a coexistência na pluralidade, respeitosa das alteridades que envolvem os sujeitos dialogantes, suas subjetividades e contextos, suas vulnerabilidades e sofrimentos.

Em “Deus transcende seu próprio nome: Paul Tillich e o descortinar de novas fronteiras hermenêuticas”, os autores discutem como o pensamento desse filósofo e teólogo alemão-estadunidense, especialmente o conceito de Deus enquanto preocupação última, pode contribuir para a reflexão teológica com ênfase no diálogo religioso em atitude transreligiosa. A teologia fenomenológica de Tillich descortinou novos caminhos hermenêuticos que possibilitam o diálogo entre o cristianismo e diversas outras religiões: a premissa de que Deus é resposta para a pergunta existencial levantada pelos seres humanos, resposta essa dada de forma condicionada culturalmente por símbolos religiosos, fornece instrumentos epistemológicos para uma reflexão teológica que seja dialógica. Assim, o pensamento de Paul Tillich gera uma abertura da reflexão teológica com novas amplitudes,

planetária e pluralista, abrindo caminhos para o desenvolvimento de uma possível Teologia Geral das Religiões em atitude transreligiosa.

Em “Pensar teologicamente as religiões a partir da autocompreensão cristã”, o diálogo se amplia e inclui desdobramentos das categorias desenvolvidas por Andrés Torres Queiruga, teólogo e escritor galego-espanhol. O texto lembra a teologia das religiões de Paul Knitter, a teologia cristã do pluralismo religioso de Jacques Dupuis e a teologia inter-religiosa de Claude Geffré, teólogos católicos que consolidaram uma abertura para a inclusão e o pluralismo como forma de pensar teologicamente as religiões. Queiruga, então, avança na empreitada de repensar a diversidade, concebendo a revelação divina como processo de “maiêutica histórica”, concebendo as religiões como respostas humanas ao amor universal de Deus. Desse modo, somente partilhando o que acreditam ser o melhor, em um diálogo respeitoso e sempre aberto para dar e receber, as religiões podem ir se aproximando do brilho do Mistério, do centro divino que descentraliza os caminhos espirituais e pede mais descentramento de cada peregrino.

Por fim, em “Diálogos entre religião e literatura: polidoxia e transreligiosidade na obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa”, temos a apresentação e aplicação dos conceitos de “polidoxia”, de múltiplas opiniões, e de “transreligiosidade”, da experiência espiritual comum, entre e além das religiões. Pautando a análise em espaços culturais fronteiriços e nas trocas do cotidiano, defende-se que a literatura e a teologia podem atuar como ciências complementares para o entendimento da realidade social brasileira. E, com essas bases conceituais, faz-se a leitura da religiosidade e suas variadas manifestações na obra *Grande sertão: veredas*. No microcosmo do Sertão de Riobaldo, as experiências religiosas se diversificam, polarizando-se ou reaproximando-se nos entrelugares da cultura local, dando espaço a uma nova forma de pluralismo religioso que emerge do ser, do falar e do agir dos personagens, paralelamente à religião oficial, emergindo deles uma relação polidoxa e transreligiosa com o sagrado.

ESTUDOS DE CASOS

Em um segundo bloco de artigos, o dossiê “interpretação pluralista das religiões” articula textos que analisam tópicos ou fenômenos relacionados com a pluralidade e o pluralismo espirituais. Em “A transnacionalização religiosa brasileira nos Estados

Unidos” descobrimos que o fluxo migratório para os EUA tem possibilitado a ocorrência de transnacionalismos, visto que direciona no novo país trânsitos transculturais em empreendimentos, projetos escolares, eventos culturais, além das migrações religiosas, as quais possibilitam o surgimento de Organizações que refletem essa transnacionalização religiosa. Neste sentido, o artigo desenvolve a conceituação de transnacionalização religiosa, aplicando-a a uma pesquisa de campo realizada na Flórida Central sobre religião e migração brasileira. Destaca, então, a *Intuitive Methodology*, nomeação metodológica oriunda das interações e adaptações de métodos para coleta de dados, com abordagem quali-quantitativa, tendo em vista a realização de entrevistas semiestruturadas, a observação participante e as enquetes, disponibilizadas na plataforma *SurveyMonkey*. O resultado é uma cartografia surpreendente de novos arranjos espirituais e novas articulações religiosas, da diáspora brasileira na América.

Em “A espiritualidade transreligiosa nas romarias e peregrinações: o caso do Juazeiro do Padre Cícero Romão”, a análise desloca-se para o interior do campo religioso brasileiro, nos seus Sertões mais profundos. O artigo destaca a importância da pluralidade, intra-religiosa, de expressões de fé no bojo do catolicismo popular, mostrando que os diferentes sistemas religiosos particulares são complementares, e não excludentes. A romaria a Juazeiro do Norte, no Ceará, é um dos maiores eventos religiosos do Brasil e, por seu caráter de resistência popular, tem atraído a atenção de pesquisadores e pesquisadoras em diversas áreas do conhecimento, que buscam explicar suas origens e motivos, os seus processos de construção e transformações, misturando a reverência aos espíritos indígenas e africanos com a devoção aos santos dos caboclos sertanejos. Analisar as transformações na experiência religiosa dos romeiros do Juazeiro do padre Cícero Romão, no contexto de mudanças culturais mais amplas, buscando compreender as estratégias de hibridação como mecanismos de preservação e ressignificação da romaria, são os objetivos do texto. Para entender a dinâmica de uma espiritualidade transreligiosa, o estudo aprofunda a tipologia das romarias em modelos que vão do templo ao caminho, mostrando que a religiosidade popular se articula em defesa da tradição identitária, mas também em inclusão da profundidade de caminhos alternativos.

Em “Evangelização e diálogo inter-religioso: o documento de Puebla e sua atualidade para o anúncio do Evangelho no contexto plural brasileiro”, o artigo mostra como a contínua recepção de um dos mais importantes documentos da Igreja católica latino-

americana tem ajudado a sensibilizar as Comunidades de Base para uma abertura sempre mais ecumênica. Vivemos em um mundo sempre mais plural, mas podemos ver as marcas da intolerância religiosa, principalmente contra adeptos das religiões de matriz afro-indígena. Tornou-se urgente a necessidade do abandono do afã missionário de conquista: como evangelizar sem violentar o outro em sua liberdade de consciência, em seu direito humano de crer diferente ou de não crer? O texto destaca o documento de Puebla como proposta intercultural, de diálogo de fé que não visam a queimada da cultura do outro, mas como enxerto que deixa ao outro e sua cultura a possibilidade de reforçar seus valores e/ou de transformar suas expressões religiosas, mas também econômicas e políticas. Esse projeto de missão como diálogo foi retomado na exortação *Evangelii Gaudium*, do papa Francisco.

Em “Os *Upaniṣads* e o projeto soteriológico da Escola *Vedānta*”, descobrimos que os *Upaniṣads* são parte integrante e fundamental dos textos sagrados hindus, conhecidos como Vedas. De acordo com a tradição, os Vedas comportam uma divisão dupla em termos de funcionalidade, operacionalidade e teleologia: *karmakhāṇḍa*, isto é, “a seção relativa à ação”; e *jñānakhāṇḍa*, ou seja, “a seção relativa ao conhecimento”. Esta última compreende fundamentalmente os textos dos *Upaniṣads* que lançam mão, no contexto hermenêutico da escola filosófica do *Vedānta*, de uma articulação argumentativa que visa a um duplo propósito: mostrar que a experiência da multiplicidade, enquanto desdobramento reificado da dualidade primária sujeito-objeto, está necessariamente fundada numa ignorância (*avidyā*) que é ela mesma existencialmente constitutiva; e promover a eliminação dessa ignorância e a consequente realização da unicidade ou união fundamental que subjaz a essa dualidade, enquanto condição ontológica de toda e qualquer experiência. Depois desses esclarecimentos, você vai olhar para praticantes de ioga com outros olhos.

Em “A hipótese da Grande Deusa entre os românticos e acadêmicos”, viajamos aos primórdios das Ciências da Religião e até o Círculo de Eranos. O artigo lembra que o movimento romântico exaltou o natural e o irracional, a beleza e sublimidade da natureza selvagem e da noite, incluindo a memória da “Grande Deusa”. Porém, a forma como o passado foi apresentado representa mais os desejos dos modernos sobre os antigos, do que a representação do passado em si, cujas evidências sobre um matriarcado cultural e religioso deixam mais dúvidas do que respostas. Para compreender a construção de narrativas entre evidências históricas e fenomenologias sobre o tema, o texto recupera discursos oriundos do século XIX aos dias atuais: o

resgate da Deusa da Natureza, de Apuleio, pelos românticos; a ideia dos acadêmicos de uma única Grande Deusa, representada e adorada como Mãe Terra; as descobertas arqueológicas de estatuetas femininas do paleolítico, neolítico, e da idade do bronze; o desenvolvimento do arquétipo da Grande Mãe na psicologia; a arqueologia de Leroi-Gourhan e a da polêmica Marija Gimbutas, que apresentou uma religião da Deusa, que teria se estendido da Europa ao Oriente Próximo e à região do Mediterrâneo como um sistema ideológico coeso e persistente; e, finalmente, a perspectiva de Paolo Scarpi, na qual seria improvável que houvesse no neolítico uma ideia de divindade e, portanto, o tema da “Deusa Mãe” seria um “mito” científico. Enfim, houve uma passagem da “religiosidade da humanidade e da Mãe Terra” para a “religião da tribo em busca de intervenção do Pai dos Céus” ou a inversão dessa passagem é uma meta ideológica?

Em “O Terreiro de Ritual Sagrado da Boa Vista e suas práticas híbridas e plurais na religião indígena do Povo Xukuru do Ororubá” temos a análise de como povo Xukuru de Pesqueira, em Pernambuco, estabeleceu relações de hibridismo religioso na formação da Religião do Ritual Sagrado no território indígena. Os índios, membros do Terreiro da Boa Vista, trabalham permanentemente com o conceito do Bem Viver dos povos andinos, desenvolvendo práticas socioambientais e religiosas plurais que contribuíram em longo prazo para o processo de reelaboração religiosa dos espaços sagrados no território, como também para o ativismo da consciência socioambiental. Os dados foram coletados entre 2017 e 2018, por meio das vivências de campo e entrevistas com índios participantes do Terreiro, além de observações das ações de práticas socioambientais e religiosas desenvolvidas, como o Urubá Terra, encontro de agricultura e partilha de sementes tradicionais, e o Encontro dos Sábios: Lonji Abaré (poder de observação). A partir do conceito de hibridação cultural de Néstor Canclini, conclui-se que os indígenas defendem que a agricultura possui uma dimensão sagrada e desenvolvem rituais inclusivos e pluralistas, que contribuem para a superação da secular crise socioambiental da região.

RESENHAS DE LIVROS

Três livros são resenhados em sintonia com o dossiê “interpretação pluralista das religiões”. O primeiro é RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *O Princípio Pluralista* (São Paulo: Loyola, 2020). Este livro busca articular a práxis pastoral e o pensamento teológico do professor Claudio: destaca a peculiaridade do pensamento que relaciona

teoria e prática e o quanto esse encadeamento contribui para uma hermenêutica essencialmente dialógica, sensível às pluralidades culturais contemporâneas e atenta aos grupos humanos e espirituais com diferentes empoderamentos e construções religiosas fronteiriças e complexas. Em suma, a tese desta obra fundamenta-se na problematização da diversidade religiosa no Brasil e no mundo, bem como a “maior intensidade no debate sobre religião e democracia, especialmente os temas ligados à laicidade do Estado, mas também à ambiguidade de termos, ao mesmo tempo, situações conflitivas e busca de diálogo entre grupos religiosos distintos em diferentes áreas da vida social”.

Na resenha do livro de GONÇALVES, Alonso de Souza. *Por uma teologia protestante das religiões: Uma proposta teológica latino-americana em diálogo com a visão trinitária de Jürgen Moltmann* (São Paulo: Recriar, 2020), encontramos o registro de uma contribuição singular para os debates da área de Ciências da Religião e Teologias, em especial no tocante às preocupações com o pluralismo. Trata-se de reflexões consistentes e de enorme importância para o cenário teológico brasileiro. Elas respondem a uma busca por se pensar o pluralismo religioso, em especial a partir do carisma protestante, muito bem representado pelas reflexões do teólogo alemão Jürgen Moltmann, conhecido por sua Teologia da Esperança, e uma das figuras mais destacadas no cenário teológico mundial, cujo pensamento é base central das reflexões apresentadas no livro.

Finalmente, na resenha de NUNES, Erivaldo Sales. *Bate Folha: trajetória e memória do Candomblé de Bernardino* (Salvador: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, 2020), encontramos a trajetória inovadora do Terreiro Bate Folha e a história de vida de seu fundador, Manoel Bernardino da Paixão (1892-1946), Tata Ampumandezu, um dos grandes líderes religiosos da diáspora africana, na primeira metade do século XX. Toda tradição é sempre uma invenção, em contato com a criatividade interna ou a dos vizinhos, na cerca do Terreiro da gente. A compreensão de sacrifício, então, com toda sua centralidade, pode ganhar novos significados em uma tradição religiosa?

Triste do povo que não conhece direito sua história. Vamos então ler e estudar, porque, seguindo Paulo Freire, “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 79). Atualmente, a religiosidade vem sendo manipulada por grupos poderosos, que se aproveitam do medo de transições

culturais para manter dominação política e exploração econômica, reforçando o comunitarismo da “civilização cristã tradicional” e práticas identitárias contra a alteridade e o diálogo. E assim vários grupos religiosos opõem um “deus” sério e sacrificial a uma divindade amorosa de justiça e compaixão; uma igreja exclusivista, rígida e hierárquica, a movimentos inter-religiosos em favor da terra como Casa Comum; manifestam um apego teológico ao pecado original, contra uma espiritualidade da Criação e sua compreensão de bênção original; pregam a intolerância ao estrangeiro e ao “estranho” moral, contra o abraço ao feminino e aos outros gêneros; o medo da ciência, enfim, ao invés do incentivo à sapiência. Então, evangélicos e católicos fundamentalistas, concorrentes no mercado religioso, unem-se “ecumenicamente” contra o ecumenismo e o diálogo entre as religiões e sobretudo com as tradições afroindígenas, contra imigrantes e especialmente muçulmanos, unem-se pela catequese cristã nas escolas e contra o “ensino religioso” laico e republicano, pela “liberdade religiosa” entendida como direito ao proselitismo intolerante e à ocupação do espaço público pela “bíblia”.

Acreditamos que os estudos de religião, frente a essa onda religiosa reacionária, precisam realçar marcadores epistemológicos e demarcar político-pedagogicamente sua área acadêmica, assolada por magistérios eclesiásticos e treinadores “espirituais” a serviço de ideologias neofascistas. Queremos reunir ativistas e pesquisadores da área para criticar a manipulação da religião e ativar a potência libertadora dos símbolos, para terapeutizar o entulho colonial, explorador e sacrificial de narrativas religiosas fundamentalistas.

Boa leitura!